

# MOEDAS VISIGODAS

## OFICINAS MONETÁRIAS – MOEDA DE TULGAN CUNHADA EM BRAGA

por PAULO AUGUSTO FERREIRA DE LEMOS

Para algumas casas de moedas visigodas ainda não foi possível estabelecer a correspondência, digamos geográfica, entre o nome que figura na própria moeda e a povoação actual (ou passada) que lhe corresponde; para outras têm sido propostas por vários autores localização, ou muito duvidosa ou mal alicerçada, que não resiste a uma crítica mesmo ligeira.

Na bibliografia, que consultámos para estudo da moeda de que iremos tratar neste artigo, reparámos em dois casos que nos pareceram à primeira vista susceptíveis de estudo e reflexão:

- a) O primeiro deparou-se-nos a respeito de uma moeda, cunhada em nome de Witerico numa localidade VALLEARITIA, reproduzida na Estampa XXXI e descrita a pág. 371 sob o n.º 315 em «Las Monedas Visigodas» de Felipe Mateu y Llopis

+ VVITIRICVS REX 8

+ VALLEARITIA

com o peso de 1,27 gr.

e em que este autor diz, citando Beltran, «*corresponde a uma povoação Aritium, de localização actual muito duvidosa*» e noutro local, que «*na diocese de Portocale figura em documentos eclesásticos, uma igreja chamada VALERITIA*».

De notar que Aritium, poderia ser derivado do nome mitológico da ateniense Aritia, esposa de Hipolyto, filho de Theseu, o que nos parece pouco provável dada a dificuldade de supor esse nome grego em povoação romana ou goda, a não ser que se tratasse de localidade muito chegada à orla marítima e acessível aos navegadores gregos.

Todavia o facto de o vocábulo toponímico se ter escrito VALLEARITIA parece indicar que se trata de nome romano que supomos poder derivar de Vale Auritia (de aureus) e ser um local onde, portanto, existiria ouro.

Por outro lado existe em Portugal um local que se denomina VALE DA VILARIÇA, nas proximidades de Moncorvo, vale extremamente fértil mas onde, segundo suponho, não existe hoje possibilidade de extrair ouro, muito embora existam minas de ferro e chumbo, e pode-se admitir que em tempos idos nas areias do Sabor se tenha encontrado o precioso metal amarelo.

Vilarica teria sido uma povoação muito antiga junto do Sabor e Pinho Leal em «Portugal Antigo e Moderno» (vol. 5, pág. 386) diz:

*«Ao N. e a 6 quilómetros de distância da vila (Moncorvo), sobre o rio Sabor, se ostenta uma robustíssima ponte de cantaria, de sete arcos, muito antiga.*

*A 5 quilómetros, também a N., existem os restos de um pequeno templo romano.*

*É tradição que depois os godos o converteram em capela cristã, com a invocação de S. Mamede (cuja imagem está hoje na aldeia dos Estevais, desta freguesia) e que depois os árabes a transformaram em mesquita ismaelita.*

*O povo ainda dá a este monumento o nome de «Mesquita».*

Pelo menos será de considerar como lógica a correlação entre a inscrição — VALLEERITIA — do numisma e o toponímio VILARIÇA, povoação importante, com templo romano e onde os vestígios de ocupação romana não são raros.

Acresce que o tipo da moeda é o próprio da província visigoda Gallaccia (Galiza) perfeitamente compatível com a localização que tenho vindo a admitir.

Vejamos agora o outro caso:

- b) A páginas 372 do citado livro de Mateu y Llopis são reproduzidos dois tremises (Witerico e Tulga) cunhados em LAETERA e dá-se como correspondendo a esta denominação os toponímios LEDRA ou LATRA.

O tipo dos tremises é o tipo galego e o autor situa a oficina monetária LAETERA na diocese de Braga, mas quer em Portugal quer, suponho, em Espanha não há povoação com qualquer destes nomes e apenas encontrei as seguintes citações em Pinho Leal:

Vilar de Ledra e Fornos de Ledra, freguesias hoje extintas e distanciadas entre 17 quilómetros, a primeira a 5 ou 6 km de Mirandela e a outra pertencente ao Concelho de Macedo de Cavaleiros.

*«Parece que ambas as freguesias tomaram o nome de uma povoação denominada «Ledra», mas hoje na província de Trás-os-Montes não há memória de tal povoação! . . .»*

E por citação de Pinho Leal também:

*«Nos princípios da nossa monarquia denominou-se Laedra um distrito ou território importante da província de Trás-os-Montes, o qual demorava entre Bragança e Mirandela, segundo se lê na «História de Portugal», de Alexandre Herculano — vol. 2.º, pág. 427.*

*Àquele distrito de Laedra pertenciam Fornos de Ledra e Vilar de Ledra».*

É de notar que Mirandela era local de boa importância no tempo da ocupação romana pois aí foi construída uma majestosa ponte sobre o Tua.

Será por acaso, que LAETERA seja o primitivo nome (romano) de Mirandela?

Ou haveria nas proximidades algum castro que assim se denominasse?

O que não parece sofrer dúvida é ter sido em território português a localização de tal oficina monetária.

Nesta oficina, LAETERA, da diocese de Bracara, cunhou moeda TULGA ou TULGAN reproduzida na pág. 372 do citado livro «LAS MONEDAS VISIGODAS».

Ora este rei apenas reinou durante cerca de dois anos (640-642) e são raras as moedas catalogadas: Toledo, onde residiu, Córdova, Sevilha, Tarragona, Saragoça e LAETERA, e por isso é de muito interesse saber que em mais uma oficina monetária se bateu moeda em seu nome, e é este o fim principal deste artigo.

Por feliz acaso vi e obtive permissão para reproduzir uma moeda de Tulga ou TULGAN, como se acha inscrito na peça em questão, batida em BRACARA (Braga).

Não tenho conhecimento de outro exemplar existente e dada a raridade de espécimes quer do reinado quer da casa monetária não será de estranhar que esta peça tenha sido, na realidade, até agora desconhecida.

O seu peso 1,23 gramas é, em absoluto, compatível com o descrito em moedas do mesmo reinado, assim para peças batidas em:

Toledo: 1,25 grs. (peça de prata dourada)

Cordoba: 1,16, 1,35, 0,76, 1,10 (esta última de prata)

Ispalis: 1,46 grs.

E reproduzo aqui o que Mateu y Llopis diz quanto à reforma monetária de Tulgan no respeitante a peso, módulo e lei:

*«Porém quando se vê indubitavelmente a reforma do módulo abandonando o tradicional e adoptando outro muito menor, é durante o rei Tulga ou Tulgan, com quem parece diminuir bastante o tamanho, pois que se observam pesos de 1,35, 1,16, 1,10 e 0,76, que como se vê são bastantes baixos. E ainda se observa também certa baixa na lei como o denuncia a simples inspecção da cor do ouro. Confirmando esta presunção está a moeda n.º 187 (1,10 gr. de prata) que é exclusivamente de prata e não pode duvidar-se de modo algum da sua autenticidade como cunhagem da época».*

A moeda de BRACARA batida em nome de TULGAN é de ouro de que não sabemos a lei e o seu tipo é o conhecido por «tipo galego» bem próprio da diocese de Braga, com o busto do rei quer no anverso quer no reverso e sensivelmente igual ao da moeda acima citada de LAETERA e também ao de Wite-rico cunhada em Vallearitia.



Reproduz-se a moeda em fotografia e em decalque para melhor conhecimento das suas características e a sua descrição é:

Anverso: Busto do rei de frente (diâmetro 16 mm)

+ TVLGAN REX

Círculo de pontos envolvendo a legenda.

Reverso: Busto do rei de frente

+ BRACARA PIV

Círculo de pontos envolvendo a legenda.

Para finalizar damos, tomando como base «LAS MONEDAS VISIGODAS» a lista das oficinas monetárias visigodas em território actualmente português e a correspondência dos nomes antigos indicando também a diocese.

Província visigoda da Galiza (antigo reino suevo)

ALIOBRIO — Diocese de Portucale. LOBRIGOS ?? (1)  
 BERGANÇIA — BRAGANÇA  
 BRACARA — BRAGA  
 CATORA — Diocese de Viseu ??  
 CEPIS — Diocese de Portucale. CEPEDA de Paredes ?? (2)  
 COLEIA — Diocese de Viseu ??  
 LAETERA — Diocese de Braga. LEDRA? MIRANDELA?  
 MANDOLAS — Junto do Porto ??  
 PALANTUCIO — PALLANTIA dos romanos. MAIA (3)  
 PORTUCALE — PORTO  
 TORIVIANA — Diocese de Portucale ??  
 VALLEARITIA — VILARIÇA ?

Província visigoda da Lusitânia

EGITANIA — IDANHA-A-VELHA  
 ELVORA — ÉVORA  
 EMINIO — COIMBRA  
 LAMECO — LAMEGO  
 MONECÍPIO — Diocese de Egitania ??  
 TOTELA — Diocese de Veseo ??  
 VESEO — VISEU  
 ELISSA.F.I. — ELISSABONA FELICITA JULIA — LISBOA ?? (4)

---

(1) E. A. Allen.

(2) Dr. Russel Cortez.

(3) A relação PALANTUCIO — PALLANTIA — MAIA foi estabelecida por mim, mas parece-me tão evidente que não procurei justificação mais pormenorizada, admitindo, totalmente, que já tenha sido relacionada esta oficina monetária com a povoação actual e que, apenas por ignorância minha, não tenha disso conhecimento.

(4) Dr. Batalha Reis.

